

7. Outras Vozes

Rubem Oliveira, cinquenta e oito anos, aposentado, viúvo, atualmente vive com uma senhora, é morador do bairro de Cascadura, subúrbio do Rio de Janeiro.



Figura 50 - Rubem Oliveira

“Eu lembro como se preparava a galinha. Ela era criada no quintal, lá em Rocha Miranda e morta por minha avó. Isso é lá do passado. Minha vó torcia o pescoço da ave, separava o sangue e fazia a galinha ao molho pardo. Ela jogava a galinha na água quente depois depenava e passava a ave no limão e no vinagre. Aí cortava a ave em pedaços. Vou contar tudo. Minha avó tinha mania de botar a pena para secar, juntava as penas, lavava, e fazia até travesseiro. Na minha casa tinha galinha e outras comidas no domingo, no passado, lá em casa sempre teve muita gente. Até hoje gosto de comer galinha morta em casa, acho que a ave morta em casa possui outro sabor. Agora me veio à lembrança o comércio de rua, a padaria ao lado do açougueiro, do barbeiro, do quitandeiro, do dono bar. Na mercearia vendia orelha, rabo, toucinho, carne seca, pé de porco, chispe e linguiça. As compras eram anotadas em uma caderneta e pagas somente no final do mês. O galinheiro, seu Manoel, vez e outra dava uma cantada nas freguesas, ele ainda está vivo, é aposentado, viúvo com noventa e dois anos. Primeiro seu Manoel foi carvoeiro na primeira esquina da rua, depois como os negócios não iam muito bem, o português casado, com três filhos para criar comprou um aviário mais para o meio da rua, sua loja era de frente para rua e fazia meia porta com a sala de sua casa. Outra lembrança me veio com o mascate que vendia fronha, lençol, colcha, panela, bule, chaleira e passava nas casas todos os sábados para receber as mensalidades das compras feitas. O tripeiro vendia fígado e lembro-me da venda da moela. No caso do galinheiro como era conhecido, o S. Manoel, durante a semana vendia muito ovo. Sábado a tarde começava o movimento das vendas das

galinhas, que se não saíssem naquele dia possivelmente seriam vendidas no domingo. A galinha no dia de domingo era um a carne mais fácil que o pobre poderia comer. Quem tinha uma galinha para comer era quase uma pessoa bem sucedida. Agora tudo mudou e todo mundo come. galinha. Minha mãe agora compra galinha congelada. Eu ainda estou naquela de comprar galinha para mandar matar”. (Ruben Oliveira)

Herica Bassey da Silva Guimarães, trinta e oito anos, solteira, técnica em radiologia, cursa faculdade de estética, e possui dois filhos. É moradora do Bairro de Coelho Neto, subúrbio do Rio de Janeiro. Atualmente, está terminando de construir sua casa com três quartos, sala, cozinha e banheiro.



Figura 51 - Herica Bassey da Silva Guimarães

“Na época de minha avó querida de quem sinto falta até hoje, que veio do Maranhão e aqui casou com o meu avô que era carioca. Minha avó trabalhou em casa de família e nós tínhamos galinha em casa. Ela criava galinha até que deixou de criar e passou a comprar no aviário. A galinha já chegava limpa em casa e o sangue separado. Nos domingos os membros da família se reuniam e almoçavam juntos inclusive as visitas que chegavam. Esse hábito minha avó herdou dos ascendentes. Ela não só criava galinha, criava porco para matar para ceia de natal. Uma ocasião se apegou a porca Isadora e teve que mandar matar o animal em outro espaço por falta de coragem e por ter se apegado ao suíno. Comer galinha dia de

domingo era como se estivéssemos comendo um prato especial.” (Herica Bassey da Silva Guimarães).

Em Marx e Engels, na Ideologia Alemã, a produção dos homens depende da própria natureza dos meios de subsistência que se dispõe e que se tem de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado somente enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, antes, de um determinado modo de atividade desses indivíduos. Os indivíduos são da maneira que manifestam sua vida. O que eles são coincidem, por conseguinte, com sua produção, tanto que produzem quanto com o modo como produzem. O que os indivíduos são dependentes, portanto, das condições materiais da sua produção. Essa produção só aparece ao se multiplicar à população. E pressupõe, por sua vez, um intercâmbio entre os indivíduos. “A forma desse intercâmbio é condicionada, por sua vez, pela produção.” (MARX E ENGELS, (1956/1968) p. 31-2) Trecho retirado da Ideologia Alemã, a qual, Marx e Engels acreditavam que as formas de representações coletivas com base no cotidiano deveriam servir de base às relações sociais e serem estudadas em sociedade.

Alexandre, comerciante de Água Santa, quarenta anos, herdeiro da profissão do pai que chegou de Minas Gerais e montou um aviário. : Eu vendia muita galinha caipira, era uma galinha natural da roça. Essa qualidade de galinha sempre foi mais cara por levar cerca de um ano para ser criada e ser alimentada com milho especial. Os negócios foram declinando com a chegada dos abatedouros tipo “Sadia” que tomaram conta dos supermercados. Hoje a galinha branca vive de ração vitaminada para crescer e atender a demanda imediata, As pessoas não matam mais galinha, compram aves alimentadas com hormônio, a chamada ração vitaminada, a galinha é congelada e sem gosto. (Alexandre, comerciante, aviário).

Hoje o frango já assado pertence às frangueiras, comprado e saboreado na imagem das máquinas de assar conhecidas como “TVs de cachorro”, o que sugere ser coisa da modernidade, supérfluo e superficial. A frangueira é colocada na calçada, quando se escolhe o frango mais ou menos bronzeado, podendo ser acompanhado do saquinho de farofa. O assado é a solução imediata para aquelas pessoas que não tiveram tempo de cozinhar outro alimento, implica na ideia de solução rápida. As “TVs de cachorro” tornam-se a salvação nas combinações presentes na modernidade que fazem pensar os valores norteadores da vida como os alimentos transgênicos, ou o seu impacto no combate à fome, as sementes geneticamente modificadas, os interesses da ciência e os jogos econômicos que

organizam nossa sociedade, às saídas inovadoras apontam soluções para os problemas designadas a um modo de viver. No caso das “TVs de Cachorro” vige a ideia de se criar soluções para os problemas, uma estratégia de vida congelada na imagem. Essas máquinas pertencem às mulheres com três ou quatro filhos, as quituteiras da vizinhança que confeccionam coxinhas, empadões, tortas salgadas, bolinhos de carne, bolinhas de queijo para o aniversário dos meninos pequenos dos vizinhos e no sábado à tarde, depois do meio dia ou no domingo pela manhã, colocam a máquina na calçada na porta de suas casas e vendem seus frangos quando tudo que se pode ser é tudo que não se pode ter.



Figura 52 – TV de cachorro